

# Consulta ao povo ajuda a definir as prioridades no atendimento

O Plano Piloto é um núcleo habitacional elitizado. Quando o motorista do Banco do Brasil morava ao lado do diretor do Banco do Brasil, ele foi expulso. Expulso como? E que para ele, aquele apartamento não era apenas um salário indireto, era uma fonte de renda. E ele vedou o apartamento e mudou-se para a periferia.

Em outros centros urbanos, o processo é exatamente o inverso. Em São Paulo, as pessoas vêm da periferia e ocupam o centro. Em Brasília foi o contrário: primeiro se morou no Plano Piloto, depois no Guará, Taguatinga, Ceilândia...

Isto gerou a criação de outras cidades-satélites, que no plano original só eram previstas quando o Plano Piloto atingisse os seus 450 mil habitantes. Brasília em vez de gerar desenvolvimento para a região se transformou num pólo de atração problemática, porque não é só o Plano Piloto. A cidade é o Plano somado a todas as satélites.

Pelo fato de ter nascido há pouco tempo, Brasília não teve a oportunidade de ter administradores que a conhecessem bem, que tivessem vivido nela, que tivessem vivência real de seus problemas. E aí se coloca o problema das escalas de prioridades. Como alguém que não conhece uma cidade vai estabelecer quais são suas prioridades sem uma margem de erro enorme? E errou-se em não consultar a população, pois só ela poderia orientar sobre suas necessidades mais prementes.

"Neste governo está se tentando fazer exatamente isso. Apesar de haver nas secretarias homens que foram formados, ou que pelo menos moram há muito tempo aqui, não se pode excluir a população. Eu morei no Lago Norte muitos anos. Mesmo assim fui surpreendido pela reunião que fizemos com os moradores da área. Muitas das coisas que foram ali colocadas já não faziam parte das minhas preocupações.

"Todo mundo em Brasília está interessado nas obras de infraestrutura e elas estão sendo feitas.

"Uma das políticas mais importantes desse governo é o desenvolvimento da região geoeconômica do Distrito Federal, exatamente para inverter esse processo de caminho para a periferia pelas classes de menor poder aquisitivo. E preciso criar maneiras de manter o homem no seu habitat de produção original. O grande problema que se coloca é que Brasília é uma cidade sem recursos. É uma cidade administrativa. Mas a população que migra para cá vem basicamente da agricultura. O plano do secretário de Saúde, Jofran Frejat, é um ótimo exemplo dessa descentralização que é a linha mestra do governo atual. Frejat está construindo 40 postos de saúde para diminuir a procura nos grandes hospitais.

"O que é importante é não tratar o migrante como um invasor. Temos que dar a ele condições de vida. Ele sai de sua cidade de origem porque deixa de encontrar, nela condições de vida. E se vem para cá é porque imagina que aqui vai encontrá-las. Mas aqui não as encontra também.

"O complicado nesse ponto é vencer as barreiras políticas. Não só as negativas como também as positivas. E estamos conseguindo vencê-las, para estruturar o Distrito Federal como pólo indutor de cultura na região Centro-Oeste.

"O Plano Piloto é muito bom. E preciso não se esquecer que esse julgamento deve partir das variantes de 1956, quando ele foi feito. E nós adotamos o plano. O Lúcio Costa não é contra a evolução da cidade. O Plano Piloto tem que ser adequado às novas necessidades. O Lúcio Costa é contra as distorções, as mudanças que não se adequam às reais necessidades.

"Estamos aplicando a política do governo exatamente para desenvolver a região geoeconômica. O plano de estradas vicinais da Secretaria de Viação e Obras será fundamental para isso, pois dará ao produtor condições de se manter na região produtora, habitá-la (daremos a ele todas as estruturas necessárias: a água, luz, telefone) e escoar sua produção sem maiores dramas.

"Consideramos Brasília uma cidade pronta. A SHIS, por exemplo, não tem mais novas inscrições para casa. Nosso trabalho será agora, manter o equilíbrio. Dentro disso é preciso primeiro conter a especulação imobiliária dentro do próprio Governo. Por isso só se está permitindo a construção de novos núcleos quando eles forem entregues completos, urbanizados e com a infraestrutura de atendimento funcionando.

"Quanto ao problema que se coloca a partir de taxa de crescimento demográfico da cidade só se pode dizer o seguinte: no caso do Plano Piloto existem leis rígidas com uma taxa de ocupação das quadras. No caso das quadras 400, essa taxa parece mais elevada, mas não é. É a mesma que existe para as quadras 100 e 300, acontece que os blocos das 400 só têm três andares, por isso em cada quadra se tem um número maior de blocos que nas 300.

"A construção de novas projeções só será permitida quando a taxa de ocupação da quadra for

obedecida. Não é, infelizmente, o caso da 412 Sul. Mas, a partir do momento que foi permitida a construção de mais um bloco ali, e esse bloco foi vendido, já fica muito difícil intervir, pois se está tratando com propriedades privadas. E, através do desenvolvimento da região geoeconômica, uma das metas prioritárias é conter o crescimento do Plano Piloto".

## HISTORIA

A pequena história de Brasília já tem as suas fases. Segundo Ernesto Silva, um dos ex-diretores da Novacap e hoje diretor de Recursos Humanos do Hospital Regional da Asa Sul, há duas etapas distintas: uma do pioneirismo, dos acampamentos de madeira, da vida precária, mas com muito ânimo pelo trabalho e outra, atual, de rotina, de integração nacional, com ares de cidade grande.

"Nos primeiros anos da construção o horário de trabalho era intensivo e todo esforço valia a pena. Vemos hoje o desenvolvimento de toda uma região interior do Brasil graças a esse trabalho conjunto", disse Ernesto Silva. Para ele a criação de toda uma infraestrutura que possibilitou a construção de estradas, serviu para amenizar a disparidade que havia entre o Brasil litoral, rico, e o Brasil interior, pobre. Ernesto Silva destaca ainda que só Brasília possibilitou isso. Apesar de Getúlio Vargas ter concedido o movimento chamado Marcha para o Oeste, não obteve efeito algum. "Naquela época eram construídas cidades mas não havia estradas. Goiânia, por exemplo, só se desenvolveu depois da vinda da capital federal para o Planalto", lembra Ernesto Silva.

Ernesto Silva foi o pioneiro de Brasília que sentiu todo o clima de solidariedade que envolvia as pessoas, na época da construção. Mas hoje ele admite, que, com o crescimento natural da população, a diferença é enorme, e faz um apelo: "E preciso parar o crescimento da cidade. Brasília ainda é uma cidade cômoda de se viver, mas toda metrópole é desumana. E preciso criar condições de desenvolvimento da região geoeconômica o mais rápido possível. Qualquer aumento da população será prejudicial para esta cidade que é essencialmente administrativa".

Para o comerciante Saleme Habib Bazi, que chegou na Cidade Livre em 1957, vindo de Anápolis, a vida era mais divertida naquela época, todos eram iguais, todos eram vistos com as mesmas roupas. "No início havia muita poeira, muito rato, mas não era tão agitado quanto hoje. Progresso é bom mas se diverte menos", acrescenta Saleme. Ele disse que pessoalmente não melhorou tanto de vida, mas não hesitaria em começar tudo de novo se pudesse voltar a ter aquela idade e aquele ânimo.

Outro comerciante, Stéfano Milano, também lembra muito da quantidade incrível de poeira que se levantava nos acampamentos, mas diz que aqui encontrou muita chance de vencer na vida. Ele acha que só quem não quer nada com o trabalho se desilude com Brasília. "Aqui ainda há muita oportunidade", diz Stéfano.

Os mais jovens, no entanto, têm outras lembranças. A estudante Julia Teodoro, por exemplo fala dos Cines Bruni, localizados no edifício da Novacap, na Asa Norte. Cinema era a única diversão de Brasília. "Esse lugar tinha também mesas de sinuca que eram muito frequentadas, e, nos cinemas, passava-se bons filmes", acrescenta Julia. Outro local da moda era a Lonchonete Pigalle, na 304 Sul, que foi destruída por um incêndio. "Todos esses ambientes, para a maioria dos jovens candangos, representam um passado que evidentemente não volta mais. O progresso trouxe o desconforto de uma cidade grande e não assegurou à cidade o que ela tinha de mais interessante: o sentimento de liberdade, de solidariedade, de união", acrescenta outro brasileiro candango, José Mateus de Albuquerque, ex-estudante de comunicação da UnB.

Um outro aspecto da História de Brasília é contando pelo candango Luis Perseguini, que o cineasta Wladimir de Carvalho transformou em documentário. Trata-se do massacre de operários que aconteceu na Construtora "Pacheco Fernandes" em 1959. Esse documentário — "Brasília segundo Feldman" — é um pedaço da história que, pela primeira vez, é contada ao público.

## MEMORIAL JK

Dentro de toda essa discussão fica incluído um problema que não foi ainda referido. É a memória da cidade? A construção do Memorial JK veio em resposta, justamente, a esse anseio de se manter aqui as coisas que foram um pedaço dessa história. Mas como é que a população vê essa construção? Para uns, ou melhor, para a grande maioria dos entrevistados, o Memorial é antes de mais nada uma homenagem ao ex-presidente Juscelino Kubistchek. O que diz a população?

Para Luiz Alberto de Oliveira Castro, morador da SQS 305, é



A falta de um plano diretor para a ocupação dos espaços urbanos de Brasília teria sido um dos principais motivos de distorções no projeto original e no atendimento das reais necessidades dos habitantes.

ótimo reunir-se em um local todas as lembranças do fundador de Brasília. Senão, daqui a alguns anos estes objetos se perderão e ninguém irá lembrar detalhes da construção desta cidade, pois os pioneiros já não estarão aqui.

Já para Laura Maria Siqueira, da SQS 102, não há necessidade de se construir um museu: «Brasília já é toda ela uma memória de JK. Portanto gastar o dinheiro público, mesmo em doações, em um monumento, é um desperdício em uma cidade carente de locais de lazer, hospitais, escolas públicas como ainda é Brasília».

Ernesto Silva, médico pioneiro no DF, acha que tudo o que fizer para preservar a memória de JK é pouco: «E um reconhecimento tardio da grande obra que JK fez pelo Brasil. Em seu governo a inflação era baixa, ele construiu estradas, e criou um clima de otimismo entre os brasileiros, que foi muito importante».

Carlos José Andrade, estudante da UnB, acha que o governo está pagando uma dívida: «Não resta dúvida que este Memorial é uma maneira do governo pagar parte da

culpa que tem por ter cassado o grande homem público que foi JK. Pois ele jamais será esquecido, com memorial ou sem ele. Talvez até a idéia seja fazer o memorial para se tornar física essa lembrança e fazer com que o povo passe a exteriorizá-la e comece, quem sabe, aos poucos a esquecer JK».

Bráulio Borges da 308 Sul vê a coisa sobre outro ângulo. «Toda cidade homenageia seu fundador colocando seu nome na principal rua da cidade. Em Brasília isso não é possível. Então nada mais justo que homenagear JK com um grande monumento numa das avenidas mais bonitas e mais importantes de Brasília. E no Eixo Monumental que fica o governo do DF, não é? Pois acho que é também o local ideal para se manter um monumento que deixe sempre viva a memória do homem que inventou Brasília».

Marco Aurélio Dantas, morador de Sobradinho, diz que, «apesar de ter vindo para Brasília em 1964 aos 9 anos, hoje aos 25 sou obrigado a reconhecer que não tinha conhecimento de JK, não acompanhei sua vida e nem a construção da

cidade. Por outro lado, por tudo o que Juscelino fez, a despeito das críticas que se faz a ele, e pela cidade onde vivo, que acho ótima vejo como muito justa a idéia de se criar um monumento que lembre JK».

Maria Luiza Bastos, da 706 Sul pensa um pouco mais reflexivamente: «Olha, memorial, com ou sem, não faz a gente lembrar melhor ou pior de ninguém. JK é inesquecível. Para mim, que era ainda muito jovem no período de seu governo, só restam lembranças subjetivas. Não posso me lembrar de nada muito concreto de seu governo. A não ser é claro de Brasília. Mas tenho perfeita memória de coisas que hoje classificariamos de completamente estapafúrdias. Por exemplo, eu devia ter cerca de sete anos quando vim a Brasília a primeira vez. Brasília era então só um acampamento. O atual Núcleo Bandeirante. Nas estradas, a Polícia Rodoviária parava os carros para a fiscalização. Me lembro perfeitamente como se fosse ontem a seguinte cena: o carro de meu pai parado, o policial extre-

mamente bem fardado ao seu lado recolhendo os documentos. Eles usavam luvas brancas até os cotovelos. Ao devolver os documentos, o guarda retirava a luva da mão direita, estendia-a — cumprimentava o motorista e, sorrindo dizia: «A Polícia Rodoviária Federal lhe deseja uma boa viagem».

Até hoje, quando me lembro disso, ou quando vejo um policial tratar mal alguém na rua, sinto um arrepio enorme. Era fantástico. Você entende o que digo. O JK conseguiu criar um tal clima de otimismo, de empolgação de crescimento nesse país, que mesmo que nem tudo tenha dado certo, foi um período do qual as pessoas se lembram com grande alegria. A gente cantava pelas ruas. Mesmo nos comícios políticos as coisas eram ditas ao ritmo de sambas. Não era o que se vê hoje, metalúrgicos apavorados gritando palavras duras, sem o menor humor. E isto. Naquele tempo o brasileiro era um povo bem humorado, sempre pronto a rir mesmo de sua própria cara».